

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA APARECIDA PEREIRA DE ALMEIDA

LITERATURA E ESCOLA: UM CASO DE AMOR OU DE ÓDIO?

PONTES E LACERDA – MT

2010/2

MARIA APARECIDA PEREIRA DE ALMEIDA

LITERATURA E ESCOLA: UM CASO DE AMOR OU DE ÓDIO?

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras: Língua portuguesa, Inglesa e respectivas Literaturas sob a orientação do Prof. Ms. Epaminondas de Matos Magalhães.

PONTES E LACERDA – MT

2010/2

Monografia defendida perante a seguinte banca

Prof. Ms. Epaminondas de Matos Magalhães (Orientador)

Profª Drª Rosely Aparecida Romanelli (UNEMAT)

Prof. Ms. Eduardo Pereira Machado (Maristas/RS)

Dedicatória

Dedico este trabalho monográfico em especial a minha mãe Leopoldina Gonçalves de Paula, ao meu irmão Silvio Ribeiro a minha cunhada Maria da Gloria e aos meus sobrinhos Charles, Herles, Silvio Junior e Ricardo e a todos a aqueles que me ajudaram direto e indiretamente.

A meu orientador e amigo, Epaminondas de Matos Magalhães

Agradecimento

Esta conclusão não foi uma tarefa solitária. Foram muitas as contribuições para que este sonho chegasse ao fim. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente, em especial;

Agradeço a Deus, em 1º lugar por tudo que tenha feito de bom em minha vida, pelos momentos de cansaço em que eu pedia força e sempre tinha sua resposta: *não desanime lute*.

A todos de minha família e amigos que contribuíram de uma forma ou de outra.

Epígrafe

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

Paulo Freire.

Resumo

O presente trabalho monográfico buscou analisar a configuração do atual modelo de ensino de literatura nas escolas e como o professor precisa se deslocar de alguns posicionamentos estabelecidos e partilhar de uma nova possibilidade de ensino: ser mediador dos processos. A relação entre texto e leitor precisa ser estabelecida a partir do ensino de literatura e não sobre a mesma, uma vez que tal posicionamento, leva ao fracasso e a aulas maçantes. Para esta pesquisa, utilizou-se como arcabouço teórico os Parâmetros Curriculares Nacionais, Braga (2006) entre outros, na tentativa de demonstrar o papel do ensino de literatura nas escolas de educação básica.

Palavras chave: ensino, literatura e escola

Abstract

This monograph seeks to analyze the configuration of the current model of teaching literature in schools and how teachers need to scroll down a few positions and share a new possibility of teaching: to be a mediator of processes. The relationship between text and reader must be drawn from the teaching of literature and not the same, since such an approach leads to failure and the lessons boring.

For this study, we used the theoretical framework as the National Curriculum, Braga (2006) among others, in an attempt to demonstrate the role of literature teaching in the schools of basic education.

Keywords: education, literature and school

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
I-ESCOLA E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE BIFURCAM.....	11
1.1- O início do problema: os documentos oficiais, a dicotomia, o ensino.....	13
1.2- O texto literário em sala de aula.....	16
1.3- Relações entre língua e literatura.....	18
1.4- O livro didático: outro problema.....	20
II-O TEXTO LITERÁRIO E O CINEMA: CAMINHOS E PROPOSTAS.....	22
2.1- A literatura em crise ou novos suportes.....	23
2.2- Articulação entre cinema e literatura.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

O conceito de literatura apresenta uma série de significados e definições, contudo a principal questão que emerge a esse conceito é o papel e a função da literatura: humanizar. Há que se considerar que a escola não prioriza tal questão ficando o ensino de literatura restrito a um papel puramente informativo e didático, não levando em consideração as especificidades do texto literário.

Mais polêmico ainda é o fato da disciplina de Literatura ser trabalhada apenas como instrumento educativo. Tal posição provoca uma controvérsia de posições. Ao longo das décadas o ensino da literatura tem trazido uma série de discussões e preocupações, necessitando pensar e repensar constantemente o papel e o objeto desse ensino, bem como algumas novas metodologias que possam reparar ou melhorar o trabalho com o texto literário em sala de aula.

Por conta disso é comum vermos reações adversas às aulas de literatura, uma vez que os alunos não vêem a leitura como atividade que possa lhes fornecer alguma formação ou conhecimento. Tal fato se deve por conta de não explicarem o papel da literatura e suas funções. Os professores, por verem os alunos com certo descaso para com a leitura, acabam realizando cobranças exaustivas, através de exercícios e atividades, que acabam por afastar mais ainda o aluno de um ensino de literatura eficaz.

Neste trabalho, inicialmente foi necessário pensar e discutir o conceito a relação escola e literatura, pensando a função social de ambas e a inserção da literatura neste ambiente pedagógico, bem como as orientações e as diretrizes para o ensino de literatura nas escolas.

Neste sentido, no primeiro capítulo é apresentada uma abordagem teórica, considerando a natureza da literatura e sua relação com a escola, o uso do texto literário em sala de aula, sua recepção e seu papel na formação do leitor.

O segundo capítulo serviu para pensar a relação cinema e literatura e entender que o cinema não ocasiona a crise no ensino de Literatura, mas auxilia neste processo, portanto os novos meios de comunicação não vieram para atrapalhar, mas para melhorar o ensino.

É preciso que o professor compreenda e desfaça os mitos de que o cinema não contribui para a aprendizagem dos alunos de forma sistemática, e que o cinema e literatura, por compreenderem manifestações artísticas dialogam fortemente no trabalho de reflexão sobre o homem, sobre o mundo.

Assim, este trabalho não pretende resolver os problemas apresentados no ensino de literatura, mas lançar algumas reflexões que possam suscitar um novo pensar a literatura e seu ensino.

I- ESCOLA E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE BIFURCAM

Os caminhos entre a Literatura e a Escola podem se cruzar na medida em que elas partilham de uma função comum: a natureza formativa. Lógico, que em ambas, esta natureza aflora de forma distinta. O sujeito, neste caso, o aluno, não permanece alheio aos efeitos que ambas as instituições podem lhe provocar, pois tanto a literatura quanto a escola modificam a forma deste sujeito encarar o mundo.

A literatura problematiza e sintetiza realidades com que o leitor vive diariamente. Prova desta hipótese é a possibilidade que tem a literatura de permanecer viva para seus leitores, pois todo texto literário é atemporal, no sentido de que continuará a comunicar algo a seus leitores. Segundo Zilberman (2003, p. 15)

A escola tem uma finalidade sintetizadora: transformar os aspectos da realidade quotidiana em diferentes disciplinas ou áreas de conhecimentos apresentadas ao estudante. Mas, durante o processo de síntese dessas disciplinas, podem ocorrer inversões que maculam seu objetivo cognitivo, porque há uma atenuação dos vínculos com a vida real e é intensificado o enclausuramento da criança. Convertida em aluno ela se isola da sociedade e se introduz em um meio no qual não exerce nenhum poder. E, embora literatura e escola compartilhem a mesma função, não há identificação entre elas.

A relação entre literatura e escola podem se tornar mais efetivas na medida em que o professor e a própria instituição passe a valorizar a obra literária e a dar relevância aos procedimentos de leitura e a distinção entre os textos/gêneros literários.

Outro aspecto que precisa ser considerado nesta relação é que o texto dado ao aluno precisa ter sentido a ele, precisa, como nos diz Mario Vargas Llosa, revelar uma verdade a esse leitor. Assim, o mundo representado no texto precisa participar de alguma forma do mundo/contexto do leitor, pois, desta forma, teremos uma relação entre obra e leitor.

A literatura tem por função básica criar as tensões nos leitores, ou seja, frustrar as expectativas, causar inquietações. Ao fazer isso a literatura problematiza a própria vida humana e o leitor sente-se fisgado para dentro do texto literário.

O texto literário passa a ter significado para o leitor quando este estabelece uma relação de cumplicidade entre literatura e personagem. Tal procedimento é problematizado no conto de Julio Cortazar, *Continuidade de los parques*, em que o leitor do romance entra dentro da narrativa que lê.

A partir do momento em que o leitor partilha do texto e aprofunda nele, ele passará a conhecer e compreender o mundo que o cerca e a si mesmo.

En efecto, las novelas mienten — no pueden hacer otra cosa— pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es. (Llosa, 1991. p.270)

Neste sentido, a literatura é uma mentira, mas através dessas mentiras ficcionais somos levados a refletir sobre nós mesmos e sobre o mundo. As personagens dos textos literários se colocam numa busca para atribuir sentidos as suas existências, como o leitor. Portanto, as relações o texto literário precisa possuir sentidos ao leitor.

O texto literário precisa servir como mediador e suporte para a comunicação ou interação entre dois contextos: o do autor e o do leitor. Desta forma, a leitura literária, envolve sempre dois fatores fundamentais: a formação e a informação. Assim, o texto literário serve tanto para formar quanto para informar.

Neste sentido, ao escrever uma obra literária o autor recria a realidade, mas nunca a reproduz fielmente, portanto, não podemos encarar o texto literatura como simplesmente fonte documental. Sendo assim, como professores, devemos lidar com a arte literária enquanto objeto estético. Ou seja, o que ela tem de harmonioso, belo e artístico. Segundo BRAGA (2006, p. 4)

[...] estudar a obra de arte como um objeto estético significa possibilitar ao aluno a vivência estética da obra, a percepção e a leitura criadora do texto, uma atitude estética autônoma, flexível, independente de regras morais conjugadas pelo olhar do adulto, que, muitas vezes, posiciona-se enorme, colossal, no mais alto degrau em que se postaram os saberes promovidos por sua história pessoal, e, em decorrência disso, apresenta uma visão disforme aos olhos do aprendiz que não comunga com essas experiências e deforma a poética do objeto artístico [...] os resultados são negativos tanto para o professor quanto para o aluno.

A Literatura, portanto, deve ser levada para a sala de aula com o objetivo estético e não como lições de moral, mas ela precisa despertar no aluno a consciência social. Então utilizar, de maneira sutil, nossas aulas para não deixá-lo esquecer do papel de cada um na sociedade inclusive o dele, é algo importante e válido. Fazê-lo lembrar que a sociedade em que vivemos é fruto de ações do passado e nossas ações hoje, refletirão no futuro, só enriquecerão mais as aulas de literaturas.

1.1- O INÍCIO DO PROBLEMA: OS DOCUMENTOS OFICIAIS, AS DICOTOMIAS, O ENSINO

É importante, após a verificação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs e das Orientações Curriculares Nacionais - OCNs para o ensino médio, destacar que o problema do ensino de literatura, inicia-se, já com os documentos oficiais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, de Língua Portuguesa, publicados em 1998, não focam o trabalho com texto literário, ou melhor, dedicam apenas alguns parágrafos a essa questão. Percebemos que os PCNs não trazem uma contribuição significativa para o ensino de literatura, aumentando com isso o descaso ao trabalho com a literatura nas escolas.

Segundo Villar (2004) *os PCNs tem pouco para oferecer ao professor de literatura, pois levantam muitas questões, mas oferecem poucas respostas.*

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1999) direcionam o conhecimento da língua materna. Os PCNs do ensino médio começam a apontar novas perspectivas para o ensino de Literatura ao criticar e questionar o estudo historicizado da Literatura. Segundo os PCNs para o Ensino Médio (2002):

O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura. (Brasil, 2002)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, já demonstram um pouco mais de amadurecimento e preocupação com a qualidade do ensino médio. E tanto a Língua Portuguesa quanto a Literatura tem a responsabilidade na formação letrada dos sujeitos.

Contudo, tanto os PCNs do ensino fundamental quanto médio não abordam a especificidade da literatura enquanto componente curricular. Ambos, tratam a literatura como sub área da Língua Portuguesa.

Os PCNs acabam tencionando que encarmos o ensino de literatura pelo objetivo de aprimoramento da escrita, através da leitura e produção, sem levar em consideração a literariedade do texto, fazendo com que o aluno leia preocupando-se, com os elementos da língua presentes no texto.

Não estamos querendo dizer que a produção escrita e demais atividades vindas com a leitura do texto literário não são válidas, mas precisam, antes de qualquer coisa, que seja mantido seu significado, que seja valorizada enquanto arte que também participa da formação do sujeito.

Mas a grande questão é o que foi estabelecida pela LDB 5692/71, a dicotomia entre Língua Portuguesa e Literatura. Tal problemática desconsidera o fato de que a Língua Portuguesa e a Literatura pertencem a uma área que visa a expressão. Contudo, o que são as aulas de expressão se o aluno não pode opinar e se expressar, pois a grande maioria das aulas de Língua e Literatura focam apenas a leitura do professor ou do livro didático. Portanto, é preciso repensar o ensino de Literatura e de Língua, buscando uma maior interação entre as disciplinas.

O grande entrave no ensino da literatura é a dicotomia criada em 1971 perdura até os dias atuais, esquecendo-se que a literatura pertence ao universo da linguagem.

Tal situação acaba sendo alicerçada por conta dos Parâmetros Curriculares Nacionais que reforçam essa dicotomia. O que é preciso resolver com isso é compreender que nas manifestações da linguagem a literatura está presente e que ambas, língua e literatura, compreendem processos de produção de sentidos.

Outro grande entrave nesta dicotomia é ver o texto literário sob dois enfoques: o primeiro pautado no exercício de aplicação das regras da língua, usando-o para o trabalho com a gramática, confinando o texto a uma esfera exterior e, o segundo, como objeto estético.

Contudo, precisamos aqui mencionar que em 2006, o Ministério da Educação, lança as Orientações Curriculares Nacionais que trazem especificamente uma parte dedicada a Literatura, em que encontramos as funções da literatura e algumas reflexões teóricas que realmente condizem com o novo projeto de ensino de literatura.

Contudo, as Orientações Curriculares Nacionais, já por si mesmas, sinalizam a divisão clássica entre Língua e Literatura, uma vez que propõe Conhecimentos de Literatura, separadamente dos de Língua Portuguesa.

A seção Conhecimentos de Literatura se constitui dos seguintes itens:

1. Por que a literatura no ensino médio?
2. A formação do leitor: do ensino fundamental ao ensino médio.

3. A leitura literária.
4. A importância do leitor.
5. Que leitores somos.
6. Formação do leitor crítico na escola.
7. Possibilidades de mediação.
8. O professor e a seleção de textos.
9. O professor e o tempo.
10. O leitor e o espaço.

Neste sentido, é possível notarmos que os conhecimentos de Literatura, mesmo separados dos de Língua, apresentam a idéia da Formação de Leitores, ratificando que o papel da Literatura na escola, além de humanizar é formar leitores.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio apontam um diálogo iner-artes, ou seja, vê a literatura não como algo isolado, mas em contato com as diferentes manifestações artísticas. É nesta perspectiva, que o Capítulo II trazemos a Literatura e Cinema como possibilidade desse diálogo. Segundo as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006):

...o jovem à leitura de obras diferentes desse padrão (leitura de *best-sellers* e de ficção juvenil) – sejam obras da tradição literária, sejam obras recentes, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético, capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo. (Brasil, 2006, p.70)

Tanto que neste documento, cita-se Antonio Candido, Italo Calvino e Umberto Eco para discutir a formação do leitor literário. Além dessas discussões, ainda traz, algumas orientações metodológicas de trabalho para o professor.

1.2- O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

A maioria dos professores de literatura enfocam o texto a partir da situação comunicacional, ou seja, o texto, na sala de aula passa a ser visto a

partir da função de informar ou de formar o aluno, contudo o texto literário não possui unicamente essa função e nem esta é a função primordial dele.

As palavras contidas nos textos literários possuem múltiplos sentidos, cada leitor terá as possibilidades de completá-lo. Para que o leitor complete os sentidos da obra, passando a ser, também seu autor, é necessário que este evoque os conhecimentos prévios adquiridos historicamente, através de sua interação com a sociedade.

Assim, não existe uma única forma de encarar o texto literário, muito menos de lê-lo, pois cada leitor, a partir de suas experiências, o lerá de seu modo. Quanto mais conhecimentos este tiver, mais possibilidades lhe serão abertas.

É impossível não concebermos a literatura dentro do espaço escolar, uma vez que a escola é o espaço privilegiado para que as situações de aprendizagem ocorram. A literatura, hoje, não é mais um mero auxiliar nas aulas de gramática, e é preciso se distanciar cada vez mais de tais situações. A literatura, também, deve, na escola, ir muito além das práticas de passa tempo, ou de relaxamento, uma vez que o texto literário reflete e problematiza o próprio homem, neste caso, os próprios alunos.

Contudo, não devemos negar que, quando a literatura, passa para o espaço escola ela vive sobre outro horizonte, o pedagógico. Neste sentido, como ocorre com qualquer disciplina a literatura, também, será institucionalizada pedagogicamente, atuando, além das reflexões que o texto possa permitir, no ensino e na formação do sujeito.

O texto literário em sala de aula pode ter diferentes abordagens, mas a mais comum é a historiográfica, não que seja ruim, mas focar o texto, apenas pela análise histórica, sendo necessário antes um passeio pela biografia do autor, pelo contexto histórico e social, acaba forçando e diminuindo as possibilidades de sentidos que o texto possa permitir.

O conteúdo de cada texto é próprio e precisa ter prioridade. Neste sentido, na grande maioria a leitura pelo viés historiográfico não permite uma

análise das relações de estranhamento, inquietações que o texto possa suscitar.

A escola acaba por não ensinar literatura, mas ensinar sobre a literatura. Neste caso, temos um grande entrave, pois ao ensinar literatura, desenvolve-se o gosto pela leitura, ao ensinar sobre a literatura, ensina-se sobre as obras, estilos e autores, frustrando os alunos e tornando as aulas maçantes. Portanto, na escola o ensino deveria ser da literatura, pois como nos afirma Vasconcelos (1989)

A literatura é um fenômeno estético e ideológico, vinculado à cultura e à sua época. Como veículo educativo e considerando-se a permeabilidade da criança diante dos estímulos e motivações, é considerável o efeito que possa causar no comportamento do leitor em fase de formação. (Vasconcelos, 1989, p. 194)

Vasconcelos(1989) admite que a escola possui um papel essencial no trato com o texto literário, sendo que este precisa despertar o encantamento e a motivação na criança- aluno. Assim, ensinar literatura é permitir tais questões.

Segundo Lajolo (1985) a escola foca o modelo historiográfico e acaba ensinando sobre a literatura porque as escolas tiveram a missão de legitimar, julgar e privilegiar autores e obras. Contudo, tal modelo se estende até nossos dias.

É importante destacarmos, aqui, que o trabalho com o texto literário só pode existir na escola a partir de sua relação com o leitor. Cabe ao leitor completar os sentidos, os vazios deixados pelo autor. O texto literário não está acabado, mas é construído pela leitura e pelo leitor.

Lajolo e Zilberman (1996) reforçam que ser leitor é uma função social. No momento em que se lê, se está interagindo com o que já foi construído até então, trazendo o texto para sua realidade. Assim, a escola e o professor precisam ser mediadores desse encontro: texto e leitor.

1.3- RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA

No ensino fundamental não há uma disciplina específica para literatura, ficando essa a cargo das vontades do professor de Língua Portuguesa. Já no ensino médio a literatura tem uma certa autonomia, constituindo-se disciplina, mesmo ligada a língua portuguesa, mas com objetivos, metodologia e justificativa específica.

O ensino tradicional de literatura enfatiza questões filológicas, mas isso já está ultrapassado. O que precisa ser quebrado é a idéia, também, de que Língua Portuguesa e Literatura são componentes curriculares distintos.

Conforme apontamos as práticas de ensino de Língua e Literatura, a partir da Lei de Diretrizes e Bases - LDB no. 5692/71, ainda continuam pautadas na sua dicotomia. Tal fato demonstra, mesmo com mudança proeminente da LDB no. 9394/96, que ainda encontramos professores ministrando suas aulas de Língua Portuguesa, partindo de um ensino tecnicista.

As práticas de ensino de Literatura, mais comuns, hoje, são aquelas voltadas a abordagem do que venha a ser literatura, partindo de concepções da teoria da literatura e, posteriormente, todo o conteúdo a ser trabalhado é dividido em períodos ou estéticas literárias, apresentando, primeiramente, o contexto histórico e social do momento até chegar a descrição biográfica do autor e, como consequência, alguns trechos da obra.

Por incrível que pareça, as novas discussões visam cindir com essa situação- ensino historicista da literatura, contudo os livros didáticos utilizados, especialmente, no ensino médio, ainda trazem essa perspectiva.

Há que considerarmos que, no caso específico do ensino médio, o ensino de Literatura, foca exclusivamente a Literatura Brasileira, pincelando, quando muito, a literatura Portuguesa e, da Literatura Brasileira, destaca-se a paulista, mineira, do rio de janeiro, deixando as literaturas de expressão regional ausentes desse processo, uma vez que tais textos ou autores, não estão inseridos no cânone literário que serão cobrados nos vestibulares das maiores universidades do país.

Mesmo com a aprovação da Lei no.10639/03 pela qual passa a ser obrigatório o ensino de Literatura Africana na Escola, percebemos que tal fato ainda não se realiza. Os professores, ou por falta de formação ou por foco na Língua Portuguesa tão somente, não trabalham nenhum autor ou obra da Literatura Africana, deixando com isso a situação mais alarmante. (esta idéia ficou solta...)

O que é possível notar na relação Língua e Literatura é seu vínculo com o vestibular ou exames de seleção para entradas em universidades brasileiras. De certa, forma o ensino de Língua e Literatura, acabam focando, apenas, os aspectos que serão cobrados nesses exames, e o ensino de Literatura, passa a ser apenas um manual básico de instruções e resumos das obras que serão utilizadas nas provas.

Outra grande problemática na relação Língua e Literatura é a abordagem dada ao trabalho com texto literário, que em sua grande maioria é utilizado pelo professor para o ensino de gramática e de seus exercícios.

Além de tal fato, percebemos que o professor de Literatura, ao utilizar o texto literário em sala de aula, faz sua leitura, executa sua análise. O aluno participa passivamente do processo, não fazendo suas inferências de sentidos.

A participação do aluno, quando muito, fica restrita a respostas a questionários extensos, sobre o autor e a obra, e quando não de perguntas retiradas dos vestibulares, para que os alunos possam ter uma idéia geral sobre a questão.

Percebemos que os professores de Língua Portuguesa, ainda perpetuam a dicotomia entre Língua e Literatura que, atualmente, ganhou outros contornos: divisão entre Gramática, Produção e Literatura. Acreditamos que a tríade criada vem, apenas, fortalecer a ineficácia do ensino de literatura nas escolas do país.

1.4- O LIVRO DIDÁTICO: OUTRO PROBLEMA

A história do Livro Didático de Literatura é uma história um pouco recente que se inicia no final da década de 60 e início da década de 70, quando muda-se os rumos do ensino de Língua Portuguesa, até então, o ensino de Língua Portuguesa, apresenta a gramática e uma relação de autores e obras sem explorá-los seja pelo viés histórico ou outro.

A partir da Lei 5692-71, o ensino no Brasil ganhou uma dimensão técnica, com isso a situação da escola muda e como consequência os materiais didáticos utilizados passam, também, a atender novos fins. Neste sentido é notório que ao longo desse processo os materiais didáticos de Língua Portuguesa mudaram e se adaptaram.

Os manuais didáticos do ensino fundamental trazem o texto literário, a partir de uma abordagem de questões para que os alunos possam responder. Já os manuais do ensino médio, foram compilados em único volume, em que há uma parte para gramática e outra parte para literatura.

Esse novo manual didático traz, também, novas dimensões, ou seja, o planejamento do professor vem praticamente pronto. Assim sendo, o professor de Língua Portuguesa e Literatura, acaba seguindo o manual didático a risca, não fazendo qualquer referência a outros textos, ficando preso as questões que são apontadas por estes materiais.

Contudo, os manuais didáticos, mesmo os recentes produzidos, a partir do século XXI, ainda trazem, apenas, obras de referência, ou seja, obras canônicas e autores que podem e possivelmente são cobrados nos vestibulares do país, ficando a literatura contemporâneas.

Assim, os manuais didáticos facilitaram a vida dos professores, mas também tiraram sua autonomia enquanto professor, uma vez que este não faz suas próprias escolhas, mas acaba ficando, apenas, com as escolhas que o livro traz.

Há que destacarmos que a Literatura nos Livros Didáticos, pautam-se no processo da transmissão de conhecimento.

II- O TEXTO LITERÁRIO E O CINEMA: CAMINHOS E PROPOSTAS

A modernidade fez surgir um novo tipo de leitor, ancorado nas novas tecnologias. Assim, o cinema e a literatura estreitaram seus laços e hoje pertencem ao mesmo universo. Há que considerarmos que a literatura e o cinema fazem parte da arte e segundo Coli (1990) a arte representa admiração.

As obras literárias, nessa sociedade cada vez mais mercadológica, tem o o poder de contar a história da humanidade, representar de certa forma a coletividade. Portanto, a arte é uma necessidade humana, pois através dela o homem relaciona-se com o meio exterior e com outras épocas.

É neste novo cenário em que a arte passa a ganhar novos contornos que podemos inserir o cinema. Mas algumas colocações, ao observamos os discursos de sala de aula que se colocam frente a este cenário: A literatura entrou em crise com o cinema... Os alunos deixarão de ler...

A nova sociedade que emergiu em meados do século XX e início do século XXI é marcada pelas imagens. Portanto, é necessário que a escola passe a utilizar esse novo recurso de comunicação – o cinema – para o trabalho em sala de aula.

É preciso considerarmos que o cinema é arte na medida em que propicia apreciação estética, e, a partir do cinema, nossa experiência de mundo também se altera, se modifica, tanto quanto diante de um texto literário.

Também devemos considerar que o cinema não sintetiza o mundo, mas o representa. E, em cada sociedade, o cinema se apresentará de forma diferenciada e distinta. Portanto, o cinema propicia conhecer o mundo de outra forma. À medida que assistimos a um filme somos levados a descobertas. Através do filme podemos analisar as realidades em movimento, vivenciar um novo universo.

2.1- A LITERATURA EM CRISE OU O ENSINO COM NOVOS SUPORTES?

O ensino de literatura está passando por momentos de crise por conta da cultura de massa que vem invadindo as escolas. O professor cada vez mais vem se utilizando da imagem visual em suas aulas. Braga afirma que:

[...] a desmaterialização da literatura pela imagem visual, a transferência que nega a mediação; a substituição dos efeitos poéticos do significado e do significante pelos efeitos imediatos e especiais, ou seja, a média, em função do interesse popular imediato, no sintético (interesse que a ela mesma educou) no simplificado e traduzindo, transforma um capítulo de um livro em uma cena de cinco minutos e, nesse processo de condensação acaba por valorizar o enredo em detrimento da poética, o que destitui o texto de sua função literária. (BRAGA, 2006, p. 06)

Dessa forma o adolescente se sente muito mais a vontade sem se dar ao trabalho de ler. Já vem pronto e interpretado. Mas, se por um lado os grandes críticos literários abominam essa prática que afasta o aluno da profundidade literária, por outro, devemos admitir que é uma maneira desse adolescente do século XXI ter contato de alguma forma com a literatura.

Desse modo, a escola precisa direcionar o aluno para um lado mais profundo da literatura resistindo essa massificação. É dever da escola, resgatar o encanto do livro literário.

Resistir essa massificação não significa negá-la, mas sim, enxergá-la enquanto verdade efetiva dos fatos e lidar com ela de forma dialética, criando uma práxis pedagógica que associa a cultura escolar, erudita e literária a esses elementos de massa; assim por meio de um dueto entre linguagem podemos promover interações entre essa versão estética consagrada pelos tempos e essa versão estética que consagra o tempo atual. Portanto, acreditamos pertinente, utilizarmos as reflexões até agora percorridos, para elaborar práticas de

leitura que alie o a cultura escolar e a cultura de massa. (idem, p.7-8)

A utilização de filmes nas aulas de literatura deve ser feita de maneira que leve o aluno a uma “experiência estética” e também a encontrar prazer ao desvendar elementos do enredo. Isso pode “treiná-lo” para uma futura leitura de um livro literário. Mas o professor deve ter o cuidado de traçar um plano antes da exibição de filmes em sala de aula.

Utiliza-se desse meio sempre com intuito educacional e bem esclarecido, pois a ausência desse planejamento fará com que o aluno entenda essa exibição somente como diversão e entretenimento e esse não deve ser o ideal da escola. Diversão e entretenimento o aluno já tem acesso em casa.

Quando falamos em direcionar o aluno para o gosto literário profundo, queremos dizer, entre outras coisas, que devemos, enquanto professores de literatura, informar antes de exibir um filme, motivo dessa exibição e quais elementos se devem elencar na obra. Isso fará com que o aluno olhe para o filme como objeto de estudo. Se esse filme for uma adaptação de obras consagradas da literatura, o cuidado deve ser dobrado. Pois esse já tem o texto interpretado pelo roteirista e pelo diretor. Então o aluno deve ser informado disso antes para que não pense que filme é uma reprodução literal da obra literária e que pode perfeitamente ser uma boa substituição. Se não forem dadas essas informações antes, o aluno tanto não terá acesso ao conhecimento da obra quanto desse processo de adaptação para o cinema. São cuidados que o professor não deve deixar de ter. Pois sem eles o mesmo em vez de ensinar, poderá provocar mais dúvidas no seu aluno.

Devemos lembrar que não somos obrigados a exibir filmes nas aulas de literatura, mas se o fizermos, que seja com responsabilidade e dominação do conteúdo, para que se possa fazer relações precisas com os acontecimentos do cotidiano.

Além dos filmes, temos também a música. Que não deixa de ser uma ferramenta importante no ensino de literatura na escola. Mas devemos saber selecionar o que apresentar a nossos alunos. Pois a falta de critério pode

“manchar” essa boa intenção de introduzir boa música com poesia e estética. Falamos isso por causa da enxurrada de músicas que se lançam na mídia todos os dias. E o aluno absorve essa enxurrada sem selecionar o que verdadeiramente é bom. Como professores, devemos ajudá-los nesse processo de seleção musical. (aqui falta uma idéia introdutória da citação...)

Não defendemos aqui a integridade das manifestações musicais populares, constamos, como bem o fez Mário de Andrade, que o *ethos* de uma originalidade popular traz consigo as cicatrizes da história. O popular não se confunde com o popularesco. (DINIZ, 2002,180)

E ainda, Coutinho *apud* DINIZ afirma:

O fato de que pouquíssimos autores ousaram captar a caótica e rica realidade brasileira surge de preconceitos, provincianismos e, principalmente, de falta de tradição cultural. (...)

A falta de tradição cultural é mais complexa, porque exige um somatório de requisitos, entre eles, uma boa educação. Mas desde que professores preguiçosos passaram a ensinar letras de música para alunos apáticos, muito do que se podia aprender de poesia foi deixado de lado como se ela fosse uma tarefa tão cansativa quanto carregar um piano. Apesar disso, na Literatura, o país tem, para a sua garantia de qualidade estética, um autor como Machado de Assis, exatamente um escritor capaz de trazer a realidade de seu tempo até nós. (DINIZ,2002,180 a 181)

Isso tudo é para lembrarmos que a música não substitui as obras literárias. Como já dissemos, temos de utilizá-la como ferramenta de apoio nas aulas de literatura não excluindo os autores consagrados como, por exemplo, Machado de Assis. Devemos utilizar então a música lado a lado com esses autores, mas é claro sem fazer comparações, pois:

Por terem estruturas e circuitos comunicativos totalmente distintos, por pertencerem a espaços diferentes na cultura e por trabalharem com materiais específicos, poetas - letristas e Machado não podem ser comparados a partir de uma mesma perspectiva crítica. Eles não se incluem no mesmo campo reflexivo (DINIZ, 2006, 181).

A literatura como é possível perceber pode viver independente, mas, também, pode se valer de outros suportes, como o cinema.

2.2 – ARTICULAÇÃO ENTRE CINEMA E LITERATURA

Há que se considerar que na relação cinema e literatura precisamos considerar que ambas as modalidades oferecem duas formas de expressão de linguagem, tendo em vista que a Literatura abre possibilidades para que o aluno-leitor complete os sentidos, as impressões etc., enquanto que o cinema as imagens já vem prontas e acabadas. Por isso, a articulação entre cinema e literatura não pode ser encarada de forma casual, mas precisa, antes de qualquer coisa ser planejada e bem executada, evitando embaraços ou problemas diversos.

Também, devemos considerar que o universo imagético do cinema invadiu o espaço da escola e as crianças estão acostumadas com esse universo, portanto, a escola precisa compreender que as imagens são recursos que devem ser utilizados no espaço escolar, desde que sejam planejados e organizados.

É aí que nos surge a questão, apontada por Fantin (2003):

Será possível construir na escola uma educação como formação cultural, como experiência formativa, crítica, criadora, de resistência e emancipadora? Transformar a vivência – que se esgota no momento de sua realização, finita – em experiência, pensada, refletida, narrada, compartilhada, infinita? Será possível entender a produção cultural na escola como experiências para além do entretenimento, consumo e lazer? Experiências que passam além do tempo vivido e

permitem os rastros como leituras que levam algo do livro, da pintura, do filme para além de seu tempo-presente?.(2003, p. 35)

Neste sentido, cabe-nos destacar que a escola não deve apenas mais transmitir informações, mas é preciso fazer com que as relações criadas e empreendidas pela escola tenham vivência, portanto a escola deve propiciar uma formação cultural.

Contudo, há que considerarmos que o professor ao usar o filme em sala de aula, em especial o filme baseado ou adaptado de uma obra literária, ele precisa antes de qualquer coisa, conhecer a obra em si e o filme, uma vez que ambas, a obra e o filme possuem duas linguagens que precisam ser bem compreendidas.

O cinema é um organismo altamente sensível com confluência de várias áreas. Quanto mais o professor conhecer a respeito do filme e do cinema como um todo, mais capacitado estará para chamar atenção de determinados aspectos que enriquecerão a fruição: a música, o estilo, os elementos da linguagem cinematográfica, a história do cinema e outras informações para avaliar o peso da propaganda e do marketing e a submissão à grande indústria cinematográfica do cinema de mercado como ingredientes necessários para formar e educar um público crítico e consumidor. (*Fantin, 2003, p. 79*)

O que é possível percebermos na fala de Fantin é que o uso pedagógico do cinema precisa ser bem planejado, além de se explorar os elementos do próprio filme que por si só já apresentam fruição estética. Neste sentido, antes de estabelecer as relações entre cinema e literatura é necessário explorar cada recurso apresentado.

O maior problema que encontramos no ensino de Literatura através do cinema é que muitos professores utilizam o filme apenas como entretenimento. Tal fato leva a sociedade a ver cinema na escola apenas como extensão do entretenimento e diversão fora desse espaço. Portanto, o trabalho com o

cinema deve ser bem realizado e planejado evitando que tais discursos ou questões se reverberem no espaço escolar.

O cinema, não pode ser visto como extensão da casa na sala de aula, pois a escola tem fins específicos e didáticos. Neste sentido, o cinema, precisa ser compreendido como recurso comunicativo.

Dessa forma, o cinema é um elemento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, devendo o mesmo ser encarado como algo que vai além do simples entretenimento, mas que a partir deste, em especial, adaptado ou baseado em uma obra literária, possibilita reflexões sobre o mundo e sobre si próprio.

Quando a aula é planejada a partir do filme, com propostas e objetivos definidos, evita-se o discurso de que “hoje o professor não passou nada, só filme”, pois o próprio aluno perceberá que o filme é conteúdo e a partir deste muitas relações foram desdobradas.

É importante lembrar que como o filme se oferece enquanto recurso cabe ao educador eleger a melhor forma de exibi-lo: se na íntegra ou apenas fragmentos, pois não podemos nos deixar cerceados pelo recurso, nós o dominamos e não o contrário; é comum o professor deixar de utilizá-lo por falta de tempo para exibir o filme na íntegra, e, assim perde um importante aliado na didática da ilustração. Não existe a obrigatoriedade de se exibir um filme inteiro se o objetivo é enfocar um determinado aspecto presente, em uma ou outra cena; pode-se travar o diálogo por meio da exibição de cenas previamente escolhidas e sugerir que se assista ao filme em casa, ou ainda, organizar a projeção em outro período, se os alunos assim desejarem, ou em finais de semana nas escolas em que se desenvolvem projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho e das leituras realizadas foi possível perceber que o atual modelo de ensino de literatura vem passando por uma crise profunda, tendo em vista as metodologias utilizadas em salas de aula para com o texto literário. Deve-se na escola, ensinar literatura e não ensinar sobre a mesma, através de exercícios de metaliteratura, mas, antes de qualquer coisa é necessário que se despertar e desenvolva nos alunos o gosto pela leitura e pelo texto.

Precisamos, também destacar que só se desenvolve no aluno, aquilo que para o professor já se encontra formado, portanto, ninguém desenvolve no aluno o gosto pela leitura, sem nem ele lê ou gosta.

Neste sentido, cabe a escola e ao professor preservarem a natureza formativa do texto literário. Dessa forma a mediação do professor se faz necessária porque, através de estratégias metodológicas adequadas e atividades de pré-leitura etc...os alunos são instigados a participarem do texto e entram dentro do universo da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. **Os Estudos Literários na Era dos Extremos**. Rio de Janeiro: São Paulo, 1994.
- BRASIL, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ministro da Educação. Secretaria da Educação Básica: Brasília, 2000
- CANDIDO, Antônio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- DINIZ, Julio. Música Popular – **Leituras e desleitura** *in* **Literatura e Mídia** Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Ensino de Língua e Literatura**. 2. ed . Rio de Janeiro: Cátedra. 1980.
- BRAGA, Patrícia Colavitti. **O Ensino de Literatura na era dos extremos**. *In*. **Revista Letra Magna. Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura** –Ano 03- n.05- 2º Semestre de 2006.
- MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, Clécio (org). **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 83-102.
- MARTINS, Aracy Alves. A leitura literária nos livros didáticos. CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. 2ed.
- _____. **Lendo imagens**. Trad. De Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg.
- MARTINS, M.H. **Encruzilhada de Leituras**. *In*: **Espaços da Linguagem na Educação**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- MORAES, A.C. Anotações de Aula do Curso Linguagem, Cultura e Educação. São Paulo: USP, 2003.
- TERRA, Ernani / NÍCOLA, José de. **Português de olho no mundo do trabalho**: volume único para o ensino médio. São Paulo: Scipione, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org) **Literatura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.